

EDITORIAL

A Equipe Editorial da revista *EJA em Debate*, periódico do Instituto Federal de Santa Catarina, tem a satisfação de apresentar sua 5ª Edição. Este número reflete o esforço de um grupo de educadores(as) e pesquisadores(as) em contribuir com a difusão de produções acadêmicas e experiências pedagógicas que colaboram com as discussões e reflexões no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Esta edição encerra um ano de conquistas para o periódico. Além da significativa repercussão da 4ª edição (Especial Paulo Freire) em eventos regionais e nacionais, 2014 foi um período de amadurecimento para o periódico que busca aprimorar cada vez mais sua qualificação científica. A revista *EJA em Debate* agora está indexada também ao Periódicos CAPES e passou recentemente a fazer parte do acervo da *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos), a maior biblioteca do mundo, a qual solicitou o recebimento do fluxo contínuo da revista.

Os onze trabalhos deste número estão divididos em duas partes: oito artigos e três relatos de experiência. Sob o tema “Vivências em EJA”, o conjunto dos textos traz uma série de reflexões acerca de experiências compartilhadas entre educadores(as) e educandos(as) em espaços de educação de jovens e adultos. Entre outras áreas de concentração com maior intersecção nesse conjunto estão também as práticas pedagógicas e o tema da memória.

Os textos desta edição demonstram caminhos traçados entre os limites e as possibilidades oferecidos pelas condições políticas, sociais e econômicas dos sujeitos envolvidos na EJA. Por esse motivo optou-se por representar metaforicamente na capa desta edição a imagem de uma bússola entre pedras. Almeja-se demonstrar a busca constante dos sujeitos que constituem e são constituídos pelas práticas pedagógicas desenvolvidas nessa modalidade de ensino, por ações que efetivamente possibilitem a emancipação social. Esses caminhos nem sempre são claros, fáceis de serem alcançados ou possuem direções definidas, mas com o comprometimento dos educadores(as) e educandos(as) podem ser construídos dialógica e dialeticamente, deixando de ser apenas utopia.

No artigo inicial **Formação dos formadores: saberes, experiências e memória**, Rosa Aparecida Pinheiro problematiza a formação de formadores em EJA e também seu próprio papel/experiência como formadora. A autora reflete sobre a importância do(a) educador(a) relacionar os saberes científicos sistematizados pela escola ao conhecimento prévio dos educandos, à sua cultura e de sua comunidade, considerando-os enquanto sujeitos capazes de também produzir um

conhecimento próprio de forma reflexiva. A partir da experiência vivenciada como formadora de formadores em EJA, conclui que os conhecimentos baseados nas experiências de vida, advindos do que denomina de memória coletiva, “também estão fundamentadas em uma lógica a qual, embora não linear como a científica, obedece a regularidades de conhecimentos que, geralmente, não encontram espaço nos moldes tradicionais de organização da instituição escolar”.

Memória é também o tema central da abordagem dos dois artigos seguintes. Nima Spigolon revisita a história de Elza Freire, companheira de Paulo Freire, investigando suas influências sobre a obra do autor. No texto **Pensamentos e práxis freiriana: contribuições político-pedagógicas de Elza Freire para a convivência humana**, a autora se utiliza de uma série de fontes, documentos públicos e privados, para analisar a trajetória de uma mulher que desde cedo assumiu um compromisso transformador com a alfabetização e a educação pública e popular. A partir da pesquisa de Spigolon surgem evidências de que o compromisso político de Elza com a educação e os frutos de sua convivência intelectual e amorosa com Paulo Freire fizeram dela não uma personagem secundária para a educação e a pedagogia freiriana, mas uma de suas protagonistas. E que as relações de gênero de seu tempo, que resistem em reconhecer a produção intelectual das mulheres, portanto, não fazem jus ao legado desta grande educadora.

Nas reflexões de Adriano Larentes da Silva o objeto de análise são as reminiscências de educandos, educadores e servidores envolvidos no processo de implantação de um Curso Técnico de Nível Médio em Eletromecânica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos. A análise parte da concepção de que a memória é um conjunto de representações sociais individuais e coletivas que, ao se construírem e reconstruírem a partir da experiência, contribuem para a formação de identidades. Em **Memórias do PROEJA: revisitando o processo de implantação do Curso de Eletromecânica do IFSC, Câmpus Chapecó**, o autor retoma a história do curso a partir da experiência vivida por um conjunto de sujeitos com concepções bastante diversas, no que diz respeito a perspectivas de educação técnica, EJA e PROEJA. A partir da memória que cada entrevistado apresentou percebe-se uma série de dificuldades estruturais, institucionais, divergências ideológicas e diferentes expectativas em relação ao curso. Entretanto, a diversidade nos debates promoveu um amadurecimento na constituição do projeto do curso, com avanços que contribuíram para o fortalecimento do PROEJA na rede federal.

O quarto artigo, de Rosângela Pedralli, analisa práticas pedagógicas em uma turma de I segmento do curso de educação de jovens e adultos, da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC, e questiona o caráter

destas práticas enquanto “eventos de letramento”. Em **Da rarefação ao apagamento da modalidade escrita da língua em classes de Alfabetização de Adultos: uma análise de ações didático-pedagógicas dissociadas de eventos de letramento**, a autora explora duas experiências que levaram a modalidade escrita “da rarefação ao apagamento”. Dois caminhos traçados justamente numa classe de alfabetização de jovens e adultos, em que, como destaca Pedralli, “a escrita deve estar presente tanto quanto for possível”. As constatações e reflexões da autora nos fazem pensar sobre a importância da escrita nas classes de alfabetização, mas não apenas nesses espaços. O domínio da escrita é fundamental nas demais etapas da escolarização e no desenvolvimento da criticidade e cidadania dos educandos, já que vive-se em uma sociedade grafocêntrica.

O tema das práticas pedagógicas também é objeto de pesquisa em **O poder das representações no imaginário dos que fazem a educação**. O texto aborda as representações sobre as práticas escolares que compõem o imaginário dos sujeitos envolvidos. Leusa Fátima Lucatelli Possamai discute como certas práticas que envolvem conteúdos, posturas, valores e outros elementos se consolidam e se dissipam com o tempo, e vão sendo incorporados e naturalizados nas práticas escolares, exercendo o poder simbólico de diferenciar os sujeitos. A partir da fala de professores da EJA, a autora discute como a concepção tradicional de escola, que reproduz a ideia inquestionável da autoridade do professor e da inferioridade dos alunos, é forjada no âmbito das representações simbólicas. Ao concluir o artigo chama atenção para a importância de desmistificar relações como esta, possibilitando uma nova práxis e um ambiente escolar mais democrático.

A produção acadêmica em torno dos desafios políticos e pedagógicos à formação de educadores da EJA no campo, é objeto de discussão de Katia Pinheiro Freitas e Lourdes Helena Silva no artigo **A formação de educadores de jovens e adultos do campo das dissertações e teses (2006 – 2011)**. As autoras percorrem uma série de reflexões e pesquisas acadêmicas que ressaltam as contradições e possibilidades para a EJA no meio rural, espaço onde os desafios à educação são ainda maiores que nos centros urbanos, considerando a situação do camponês/agricultor brasileiro que ainda luta pela terra e por direitos trabalhistas. Quanto à formação de educadores do campo, as pesquisas investigadas pelas autoras, indicam um aprofundamento dos desafios enfrentados pela EJA, também nas áreas urbanas, como carência de profissionais e falta de formação necessária para atuar na docência. Em síntese, o artigo chama atenção para necessidade de valorização dos educadores na área, de forma a incentivar a continuidade do trabalho nas escolas e a busca por aprimoramento em sua formação.

O sétimo artigo, de José Veiga Viñal Junior, aponta questões relacionadas à importância da inclusão de estudos da área de EJA na formação de professores de língua estrangeira, especialmente nas experiências de estágio das licenciaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Para o autor, o conhecimento de línguas estrangeiras é importante instrumento de inclusão e transformação social e cultural, além de contribuir para o exercício da cidadania, o que justifica a necessidade de inclusão da EJA nos projetos de curso das licenciaturas. Em **Reflexões sobre inclusão social, ensino e aprendizagem de língua estrangeira e Educação de Jovens e Adultos**, Viñal Junior reflete sobre a necessidade dos educandos em conhecer outras línguas como forma de ampliar o acesso e a troca de informações e conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais na sociedade contemporânea. No caso dos sujeitos da EJA, a língua estrangeira tem um papel ainda mais importante na sua formação crítica, já que, em sua maioria, estão inseridos no mundo do trabalho e em relações sociais mais complexas. O artigo é parte de um trabalho de investigação que visa fundamentar a inclusão permanente da EJA na formação de educadores de língua estrangeira da UNEB, e a primeira etapa das intervenções propostas pela pesquisa mostrou resultados positivos, incentivando professores da universidade a inserir o tema em suas aulas.

A seção de artigos é concluída com o trabalho de Quezia Vila Flor Furtado, que traz algumas experiências e faz uma análise teórica, a partir de Charlot (2000) e Certeau (1994, 1996), para discutir o espaço dos jovens da EJA. Em **O lugar do jovem na Educação de Jovens e Adultos: perspectivas teóricas para o seu estudo**, encontramos um breve histórico de avanços e desafios à EJA no Brasil, desde sua institucionalização, além de problematizações acerca das dificuldades na consolidação de princípios básicos no sistema educacional, da educação básica à EJA. A partir de sua pesquisa, a autora questiona certas práticas que deveriam se comprometer a atrair os educandos e educandas para a escola, mas acabam reproduzindo certas ações observadas na escola regular, quando estes eram crianças e jovens, contraditoriamente afastando-os, pela segunda vez, da educação formal, e possivelmente a uma segunda situação de fracasso escolar.

Na seção de relatos de experiência começamos com o trabalho de Gisele Rangel, que narra sua experiência como docente de alunos surdos. **Práticas pedagógicas no ensino de Geografia: experiências na educação de surdos** é um trabalho que questiona as estruturas pedagógicas tradicionais, as quais nem sempre acolhem a diferença. Em sua reflexão, a professora, que é surda, relata uma trajetória de desafio e criatividade de sujeitos surdos em turmas de PROEJA, ao inserir-se nos

espaços formais de ensino, que só recentemente vêm se preparando e abrindo suas portas para recebê-los. Em contraponto às metodologias tradicionais a autora desenvolveu diversas estratégias de ensino, partindo de suas próprias dificuldades quando criança e aluna, e também de suas primeiras experiências como educadora de Geografia. Exemplo disso é o seu trabalho com metodologias visuais, especialmente para o ensino de conceitos abstratos. A autora ressalta a significativa diferença entre uma língua viso-espacial (libras) as línguas orais (português). Tal diferença implica diretamente a forma de aprendizagem dos estudantes. Os surdos, para os quais o português é a segunda língua e a libras a língua natural, vivenciam escolas que, em geral, desconhecem não apenas sua língua, mas também as suas especificidades de relação com o mundo.

Na sequência, apresentamos o relato de Resende, Broutelles e Paiva, a respeito da experiência de uma turma de PROEJA-FIC que criou um livro de receitas a partir dos produtos desenvolvidos pelos(as) próprios(as) alunos(as), e acabou se tornando o resultado, como um trabalho final de curso, de todo aprendizado vivenciado por eles(as). No relato **Construção de um livro de receitas com a turma do Curso PROEJA-FIC Panificação do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - Câmpus Barbacena**, podemos acompanhar um processo educativo que mobilizou diversos saberes de forma interdisciplinar, proporcionando o aprimoramento da leitura e da escrita, a valorização da cultura, mais especificamente dos hábitos culinários tradicionais, da comunidade local, além dos conhecimentos técnicos relacionados à formação em panificação como domínio de cálculos matemáticos e reações químicas. A experiência em sala de aula representou o enfrentamento de um desafio comum nos cursos de PROEJA que é a evasão. E o livro de receitas tornou-se a materialização de uma experiência bem sucedida de um curso técnico que não desprezou os saberes tradicionais e os conhecimentos anteriores dos alunos, mas soube integrá-los à abordagem profissional para aproximar os estudantes e motivá-los à permanência no curso.

Esta edição da revista *EJA em Debate* é concluída com as reflexões de Boêno, Oliveira e Ribeiro sobre uma experiência pedagógica interdisciplinar enquanto professores de uma turma do Curso Técnico em Agroindústria, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do IF Goiano, Câmpus Morrinhos. Semelhante ao projeto relatado anteriormente, **A embalagem como estratégia de diferenciação dos produtos** demonstrou que a proposta dos professores, de criar embalagens para os produtos que os próprios alunos produziam, integrou, de forma interdisciplinar, diversos conhecimentos adquiridos por eles durante o curso: estudos sobre o mercado, exigências de órgãos reguladores,

estratégias de marketing e recursos estéticos, além de desenvolver a escrita e a criatividade. Desta forma, o exercício possibilitou aliar teoria e prática, expandir os limites de um currículo tradicional e dos livros didáticos e conquistar maior interesse por parte dos alunos.

Com esta pluralidade de vivências esperamos colaborar com a reflexão a respeito dos diversos desafios, possibilidades de caminhos por vezes tortuosos e conquistas na Educação de Jovens e Adultos. Desejamos que a troca de experiências e ideias contribua com o amadurecimento de outros projetos que fortaleçam a EJA em todo o país. Com mais esta edição reafirmamos o compromisso da revista em valorizar a produção acadêmica na área de Educação de Jovens e Adultos.

Almejamos que realizem uma ótima leitura e proliferem os diálogos oportunizados pelos textos aqui apresentados.

Gabriela Augusta da Silva
Colaboradora